



PELE TECIDO: PELE EM PROCESSO

Nanci de Freitas (UERJ)

Resumo

O texto apresenta reflexões sobre a criação do espetáculo performático, *Pele tecido*, a partir de poemas do livro homônimo do poeta carioca, Ericson Pires (1971 – 2012). O processo foi realizado, em 2015, pelo projeto Mirateatro – espaço de estudos e criação cênica, do Instituto de Artes da UERJ. O livro *Pele Tecido* constrói uma narrativa pela qual o poeta/tecelão realiza um percurso na escrita de si e da arte. A tessitura se faz na entrega do corpo à força libertária da poesia, no desejo de capturar a “instantaneidade do instante”, numa imersão de vida e arte. O ato performático foi construído como “cena expandida”, no atravessamento de linguagens e meios artísticos, experimentando as imagens poéticas como escrita na cena e no espaço. Na travessia, o coletivo se viu solto no labirinto, entrelaçando palavras, sons e corpo; imagens, cores e vozes; registros, presença e ausência, na busca da materialidade da fala poética de Ericson Pires.

Palavras chave: *Pele tecido*. Ericson Pires. Poesia. Performance. Cena contemporânea.

A encenação performática *Pele Tecido* foi construída a partir de poemas do livro homônimo do poeta carioca Ericson Pires (1971 – 2012). O processo foi realizado em 2015, no Laboratório de Artes Cênicas, pelo projeto Mirateatro – espaço de estudos e criação cênica, ambos coordenados pela Professora Nanci de Freitas, do Instituto de Artes da UERJ.

O poeta carioca Ericson Pires (1971 – 2012) fez uma travessia intensa em seu percurso de 40 anos de vida, em grande parte entrelaçados com a experiência artística como poeta, ator, músico e performer, desdobrando-se pelas fronteiras das linguagens, numa atuação na qual vida e arte se misturam. No desejo de capturar a “instantaneidade do instante”, Ericson construiu uma trajetória que passou pelo movimento de poesia CEP 20.000, pelo coletivo de música Hapax e a militância na política das artes, do corpo e do cotidiano urbano da cidade do Rio de Janeiro. Mestre e Doutor em Literatura pela PUC RIO, onde realizou pesquisas que resultaram nas publicações dos livros: *Zé Celso Oficina-Uzyna de corpos* (Editora Annablume, 2004) e *Cidade Ocupada* (Aeroplano, 2007). Como poeta, publicou os livros: *Cinema de garganta* (Azougue, 2002) e *Pele tecido* (7 Letras, 2010). Foi professor no Instituto de Artes da UERJ, a partir de 2007, no Departamento de Linguagens Artísticas.

A criação cênica a partir dos poemas de *Pele Tecido* foi uma homenagem à participação de Ericson Pires nos meandros da vida acadêmica e suas relações (in) tensas entre arte e universidade. Sua presença e sua fala afiada ronda nossa memória de encontros, espaços, corpos, embates, performances.

Performer: Rodrigo Claro



Foto: Elizeth Pinheiro, 2015.

O livro de poemas *Pele tecido* apresenta uma estrutura em vinte cantos, um prólogo e um epílogo, pelos quais o poeta/tecelão realiza um percurso em busca de si e do mundo, numa tessitura que envolve a construção da linguagem e da arte. O corpo e a língua são os canais por onde se faz a travessia e a costura. O conjunto dos cantos se organiza como uma narrativa do trajeto por onde “todas as linhas foram trançadas”, composta por episódios do caminho do poeta-tecelão, que começa pela indicação: “Há fim sempre que se faz início”. E numa perspectiva do “Lá” como ponto de fuga e de chegada, tecido pelo acaso, ação, enlace, o momento do gesto e da força.

Partindo do ponto zero, da gênese concreta das coisas, o poeta anuncia: “Quero ouvir a língua onde não havia língua. Onde o onde ainda não era. O nome não havia”. E segue conectando o fluxo e o devir das “melodias insondáveis do antes”, onde “o sol era só sol. o chão era só chão”: “Sou a boca que canta. Sou som da boca. Sou só boca. Sou início”. No “Canto matinal”, algo tece e nasce do sol: “Meu corpo no sol/todo o sol no meu corpo/sol/meu corpo/meu corpo sol/todo dia é/ brilho vivo”. Som.

O poeta-tecelão mergulha em si, no seu silêncio, som e fala. “Tecer-se/ em cada linha que cruza/ em cada ponto que surge/ em cada salto que escapa”. Tecer a fala e tecer-se: “Falar é inventar o silêncio novo/ Tecer-se na fala os silêncios/ no silêncio as falas/Tecer-se fio de fala som/silêncio de fala tecida”. Atravessa, rompe o tempo-espço e busca a velha fala para construir a sua. Não nega os mestres: “Reinvento a necessidade de penetrar o corpo da língua. As coisas devem novamente ser ditas”. Na linha escrita da arte e da vertigem de existir, o querer se perder: “Desenho minhas miragens./ Mil rotas avançam sobre mim./ Mil plantas são riscadas./ Mil milhas serão ultrapassadas”. E o receio de não encontrar outros fios: “Não quero ser no sou só. Encontrar fios”. Para então continuar na embriaguez de novas buscas. E, ao mesmo tempo, a consciência do ser, de estar, de ter um fio: “Caminho sobre o fio. Não esqueço onde estou”. Na estrada: “o fio sou eu”. Na busca do Som: “Fazer do som a casa de todas as potências”. Buscar a fala, o silêncio, o som. O som é o outro: “repita seu som”, “o último acorde é você”. Encontrando-se no outro, dentro do fio do som: “Me toque. O último acorde sou eu. Hoje será um dia perfeito”.

A travessia tem seu (des) limite: “o instante é a única medida agora”. A urgência marca a fala do poeta, que se embrenha em caminhos imprevisíveis, se joga nas ações que se apresentam no tempo do agora, tempo que se expande e encarna a escrita tecida na pele. O poeta enfrenta portas que precisam ser rompidas. “A porta cede, sede aberta”.

Atravessamentos. Solto no labirinto: “Eu vejo tantas coisas, vejo cem partes das coisas, rua aberta, suas pernas abertas”. E uma rede direta, com armadilhas no meio, as tentações! Mas atento e forte: “A minha fortuna é olho aberto”. Cruzando a ponte coberta, túnel dos muitos lugares: “é necessário manter o corpo aberto/ o topo aberto/o toque aberto/o foco aberto/manter aberto tudo que escoa/tudo que esvai”. Passagens, paisagens e miragens do outro: espreitando o todo, “o que não acaba/ meio/ chegada/fim entrada/meio/fim/meio”. O tempo do devir, do não limite entre vida e arte. Para chegar ao lugar em que “haverá sempre o que não termina, o que não começou, o que já era”. Mas poderá haver. Haverá sempre o início e o fim. Todo dia será sempre o primeiro: “Esta a ciência do espanto: Importante é andar, seguir. Haverá sempre o dia 1”. Para, enfim, poder sambar: “saio/ sambo inteiro/deixo minha pele tecido brilhar/não ando mais/sambo/ – e viva a geral !!! ”

A poesia de Ericson Pires nos assombra com a força libertária que, à maneira de um Walt Whitman, afirma: “vai, este será o sentido!”; com a entrega do corpo à matéria da poesia: “aquele que escreve é também aquele que é escrito”. E sua intensidade se traduz num epítáfio, que ultrapassa a (im) possibilidade de tanta força vital: “O homem acabou. sobra desejo. sobra força. sobra o que continua. ninguém pode esperar sem o seu desejo. o destino é o desejo. o desejo nunca existiu. o desejo é o desejo. resto”.

É tanto no “resto” quanto no “desejo” que nos embrenhamos na necessidade de abraçar as palavras de Ericson, do livro *Pele Tecido*, para nos contaminar de sua força telúrica e criativa, num processo artístico em que buscamos um modo de dizer, fazer e se conectar com sua fala poética. Descobrimos na pele poesia de Ericson Pires elementos dramáticos pulsantes, que sugerem a presença de interlocutores a quem o poeta se dirige no desejo de encontros: “Me toque./ Conte aquela história. Me diga alguma coisa. Existem tantas coisas que quero saber. Conte aquela antiga história”. Afinal: “Haverá o outro, os outros, o diferente, a diferença”. O poeta diz ao outro dizendo a si mesmo: “Vai e esqueça a linha que te segue/ te cega/ te trança/ não há costura que te possa”. Na procura do outro o poeta performa sua fala, na urgência de uma escrita de si. Os diálogos cênicos foram costurados na busca entre os corpos dos performers: as duas atrizes, Carol Moreira e Giovana Adoracion, e o ator Rodrigo Claro. Apenas os corpos no espaço livre de um corredor, em embates entrelaçados de fios e tecidos que pendiam do teto. Nada a representar, apenas atos e falas diante um do outro, na emergência do contato. Os espectadores, colocados nas laterais do

corredor/passarela, testemunhavam a performance, quase dentro da cena, também se perguntando sobre si e sobre a possibilidade do encontro com o outro.

Seguindo o poeta, somos o seu lirismo, subvertemos o conflito fugindo do drama. Mergulhamos nas estações de seu trajeto indivíduo-coletivo, aprendendo em cada uma delas a costura necessária, sem almejar um percurso teleológico, já que não há nenhum ponto a chegar. Só há mesmo o seguir. Inventamos um caminho cênico. Processo. Brincando seriamente na tentativa de viajar junto com o tecelão, o coletivo formado para esta travessia se viu solto no labirinto de Ericson, entrelaçando palavras, sons, corpos, imagens, afetos, cores e vozes, subvertendo a ordem dos cantos.

As pesquisas plásticas e sonoras levaram à criação de uma cena expandida, mesclando textos falados, gravados, projetados em telas e corpos; músicas reproduzidas mecanicamente com sonoridades realizadas ao vivo, vídeos dos atores em contraponto à presença em cena; registros de processos, performances com utilização de tecidos. Procedendo a uma colagem ampla de elementos, surge uma escrita cênica tensa, ampliada pelo hibridismo de linguagens. A ambientação entrelaçada de fios e marcada por fluxos luminosos de recursos alógenos e de led, se constituindo em um dispositivo que dá suporte aos corpos e às ações, sugerindo uma instalação de artes visuais.

Performers: Giovana Adoracion, Rodrigo Claro, Carol Moreira.

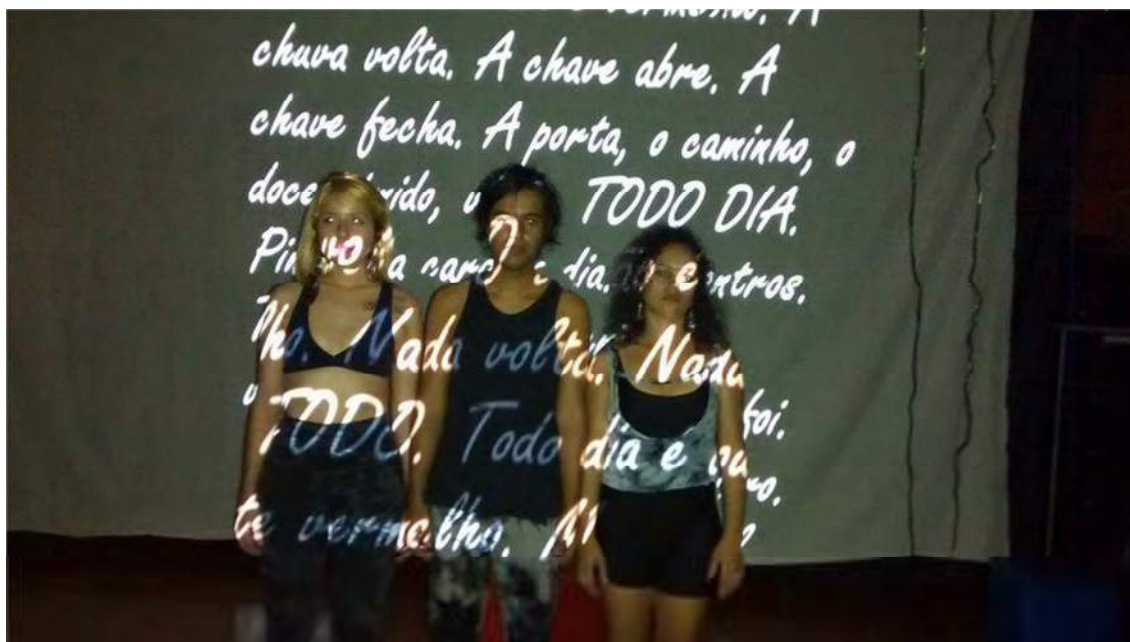


Foto: Elizeth Pinheiro, 2015.

A experimentação cênica foi marcada pelo “processo colaborativo”, no qual se desestabiliza a noção de autoria do diretor, com os atores/performers e equipes assumindo a parceria na criação. A partir de diversas leituras dos poemas e de tentativas de compreensão de seus sentidos fugidios, os participantes procuraram se aproximar daqueles que lhes provocavam memórias, afetos, sensações, imagens. Cada performer escolheu um poema para desenvolver uma partitura corporal, que seria experimentada e transformada na relação com as sequencias montadas pelos outros atores. Os vídeos foram realizados paralelamente a estas criações, acompanhando os processos e se desdobrando em novas propostas. A cada ensaio uma música ia surgindo, a partir dos estímulos apresentados pelas atmosferas cênicas. As partituras corporais foram se justapondo aos vídeos, áudios e músicas, se constituindo enquanto dramaturgia cênica sem hierarquia dos elementos. Nesta forma de produção artística, o encenador se mantém na coordenação do trabalho dos diversos criadores, responsabilizando-se pela mediação final do espetáculo.

Pele tecido se propôs à configuração de uma cena contemporânea, na qual a confluência de meios solicita formas de composição que rejeitam preceitos normativos de gêneros e o fechamento da representação, ampliando o campo e produzindo novos modos de produção e recepção cênicas. O espectador, convocado a participar da obra, realiza uma montagem dos elementos atribuindo sentido à performance, a partir das sensações e estímulos visuais, sonoros e da fisicalidade dos atores-performers que atuavam em grande proximidade no espaço intimista do Laboratório de Artes Cênicas.

Podemos nos referir a este processo como a constituição de uma escrita cênica múltipla, interartística e intermediática, que se aproxima do happening e da performance, formas artísticas que surgiram nas vanguardas artísticas do início do século XX e se tornaram linguagens autônomas na década de setenta, alcançando grande vitalidade na arte contemporânea. Para Jorge Glusberg, a performance arte seria “o resultado final de uma batalha para liberar as artes do ilusionismo e do artificialismo”, processo que ganhou expansão com o uso de suportes tecnológicos de gravação, som e imagens. A performance se tornaria o lugar paradigmático da crise da representação, ao colocar o corpo como signo, lugar de mutação e mobilidade, apresentando uma variedade de possibilidades perceptivas. A arte do performer se fundamenta no uso que se faz dos códigos abertos que dão a ele a liberdade de expressão gestual ou comportamental, tornando-se, ao mesmo tempo, atuante e agente da criação artística. Como diz Glusberg: “o corpo humano aparece como uma metáfora

para o conjunto de todas as manifestações da arte contemporânea, num processo incessante que tende a uma consolidação de arte completa” (GLUSBERG, 1987, p. 82).

Josette Féral, em seu livro *Além dos limites*, reflete sobre os modos como a cena contemporânea absorve a presença de aspectos considerados performativos, superando a dicotomia entre teatro e performance, construindo-se mesmo no espaço interstício entre as duas linguagens:

Se há uma arte que se beneficiou das aquisições da performance, é certamente o teatro, dado que ele adotou alguns dos elementos fundadores que abalaram o gênero (transformação do ator em performer, descrição dos acontecimentos da ação cênica em detrimento da representação ou de um jogo de ilusão, espetáculo centrado na imagem e na ação e não mais sobre o texto, apelo a uma receptividade do espectador de natureza essencialmente especular ou aos modos das percepções próprias da tecnologia) (FÉRAL, 2015, p.114).

Em nossa encenação de *Pele Tecido*, não há propriamente um espaço cênico referencial, mas, como na performance, um enquadramento espacial, um lugar preparado para a realização das ações do performer que solicitam o olhar do espectador. O verbo “fazer” vem em primeiro lugar e está ligado à noção de performar. Não se trata, nesse caso, de falar em espetáculo e representação ficcional, mas de propor um espaço especular para a realização de ações imediatas e reais e a operação de materiais e objetos, diante do espectador, que vê e se pergunta sobre o que está acontecendo. “Não há aí efeito catártico como no teatro, mesmo nos momentos de extrema violência, porque não há jogo de representação propriamente dito, porque não há corpo lúdico, porém um corpo sério a experimentar seriamente no real” (FÉRAL, 2015, 142).



Foto: Nanci de Freitas, 2015.

Mesclando presença e ausência, a encenação performática *Pele Tecido* buscou, junto do público, o encontro com a urgência da poesia de Ericson Pires. A presença viva dos corpos tecidos nos fios do espaço, integrando também o espectador, celebra a força de uma poesia que tinge de vermelho o dia nascente, o sangue do corpo que se atira nos desvãos da existência, a paixão pelo som e pela palavra projetada no devir da viagem, de ações e riscos tecidos com arte, suor e prazer. Na instantaneidade do instante, a ausência do poeta desata os fios de nossa memória de afetos e se traduz em força e presença.

Referências

BONFITTO, Matteo. *Entre o ator e o performer: alteridades, presenças, ambivalências*. São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2013.

FÉRAL, Josette. *Além dos limites: teoria e prática do teatro*. Tradução: J. Guinsburg [et. al]. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GLUSBERG, Jorge. *A arte da performance*. Trad. Renato Cohen. São Paulo: Perspectiva: 1987

PIRES, Ericson. *Pele Tecido*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

Ficha técnica do espetáculo *Pele Tecido*.

Poemas: Ericson Pires

Direção: Nanci de Freitas

Elenco: Carol Moreira, Giovana Adoracion, Rodrigo Claro

Criação cênica:

Iluminação, montagem e operação de luz: César Germano

Cenografia: Carol Moreira

Criação e edição de vídeos; operação de multimídia: Pedro Henrique Borges

Trilha sonora original: Giovana Adoracion

Gravação de áudio: Laboratório S.O.N.A.R. (Instituto de Artes/UERJ)

Programação visual: Laís Maria

Fotografias de cena: Elizeth Pinheiro

Figurinos, produção e divulgação: o grupo

Coordenação geral: Nanci de Freitas.

www.mirateatro.wordpress.com